

## APRESENTAÇÃO

CLIO propõe-se, fundamentalmente, a divulgar estudos e artigos de professores e alunos do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, porém, suas páginas acolherão, a partir do próximo número, pesquisas de especialistas de outras universidades e instituições de cultura. Sua temática tem larga abrangência e, como a própria história, é diversificada, impondo-se seu Conselho Editorial a isso como cauteloso antídoto contra o egocentrismo histórico, receioso da exagerada importância que, em geral, o homem atribui ao que o cerca muito proximamente.

Visando a perspectivas do passado em si mesmo entendemos que as culturas que só fizeram história na sua própria limitação espacial, conheceram apenas nuances da história. Ao defrontar-se com a idéia de "tempo" CLIO não pretende esquecer que a história de hoje reflete as mudanças da atmosfera mental de toda uma época que cientificamente substituiu o "certo" pelo infinitamente provável, o rigorosamente mensurável pela relatividade da medida, superando assim os critérios de suposta exatidão tão desejados pelos historiadores do começo do século. A realidade histórica — como diria Gurvitch — é uma parte privilegiada da realidade social, é a coletividade prometeana, são os grupos, as classes, as sociedades globais que tomam consciência delas próprias.

Deseja-se conhecer o passado. Para que? Uns respondem que para prever o amanhã e o exagero levou Claude Vimont a afirmar que sabia o futuro de cór. Atualmente a elaboração de obras de História é mais abundante do que a de qualquer outra ciência ou ramo do conhecimento humano. Paralelamente a isso — e talvez como sua própria decorrência — a maior parte dessa produção destina-se a um grande público, sobreposto ao grupo profissional de historiadores, professores e estudiosos de história. Embora seja uma decorrência existencial de todas as ciências a triagem de seus aspectos mais acessíveis para uso popular deve-se registrar que, atualmente, quase todos os países estão inundados de grandes histórias universais ilustradas, textos didáticos, biografias, folhetins históricos e ensaios explicativos para o grande público. Tal circunstância não é apenas uma dimensão do progresso editorial do século XX. É, sobretudo, consequência da acelerada mobilidade social que estamos vivendo. Hoje o conhecimento histórico é também uma Meca científica para onde acorrem peregrinações que tentam conhecer as fontes da civilização e o desenvolvimento das instituições, conscientes de que as nações não são apenas grupos humanos defendendo um passado, mas também uma comunidade que participará de incerto futuro comum. Muitos se amedrontam, outros mostram-se fascinados e os historiadores não disfarçam penosa sensação de insegurança e apocalipse.

A preferência que se dá atualmente aos estudos de história econômica e social é talvez um dos mais expressivos sintomas dessa grande mudança. Por essa razão a realidade banal e cotidiana do passado, e não apenas os fatos extraordinários, tem assumido excepcional interesse. Naturalmente a unidade essencial com que se procura reconstruir o passado implica um constante alargamento no nosso campo de indagação. Nenhum aspecto da História oferece tantas dificuldades como o seu possível paralelismo, cuja percepção é absolutamente indispensável para a apreensão da realidade histórica. Isso porque devem ser verificados exatamente quais são os dados comparáveis quando se pretende aproximá-la de áreas diferenciadas no tempo e no espaço. Pagaram muito caro os historiadores que não souberam determinar precisamente esses dados e bastaria lembrar a amarga pergunta que em sua crítica à obra de Toynbee fez Henri Marrou, indagando se havia sentido em colocar-se em paralelo a história de mais de vinte civilizações, sem a comparação das essências tomadas em sua realidade total, apenas, sublinhando-se as analogias parciais que são postas em evidência em razão de um ponto de vista momentâneo adotado pelo observador.

Historicamente a unidade da Terra está constituída e todos os problemas essenciais são problemas mundiais. A condição de homem é a condição da humanidade inteira, porém não se pode exigir que historiadores e professores de História devam estar isentos de paixão. Compreensão é palavra que pressupõe dificuldades mas também significa esperança. As críticas dos que divergirem dos pontos de vista expressos nas páginas que se seguem serão recebidas com compreensão em seu sentido mais amplo. A História é afinal uma vasta experiência das variedades humanas, um largo encontro entre os homens e CLIO tem o maior interesse em que esse encontro seja cordial.

**Armando Souto Maior**